

## Poema do Autocarro

Â Â Â

Â

"Quantos biliões de homens! Quantos gritos  
de pânico terror!  
Quantos ventres aflitos!  
Quantos milhões de litros  
do movediço amor!  
Quantos!  
Quantas revoluções na cósmica viagem!  
Quantos deuses erguidos! Quantos á-dolos de barro!  
Quantos!  
até eu estar aqui nesta paragem  
À espera do autocarro.  
E aqui estou, realmente.  
Aqui estou encharcado em sangue de inocente,  
no sangue dos homens que matei,  
no sangue dos impérios que fiz e que desfiz,  
no sangue do que sei e que não sei,  
no sangue do que quis e que não quis.  
Sangue.  
Sangue.  
Sangue.  
Sangue.  
Amanhã, talvez nesta paragem de autocarro,  
numa hora qualquer, H ou F ou G,  
uns homens vão de vir cheios de medo e sede  
e me vão de fuzilar aqui contra a parede,  
e eu nem sequer perguntarei porquê.  
Mas...  
Não há; mas.  
Todos temos culpa, e a nossa culpa é mortal.  
Mas eu só faço o bem, eu só desejo o bem,  
o bem universal,  
sem distinguir ninguém.  
Todos temos culpa, e a nossa culpa é mortal.  
Eles vão e eu morrerei sem lhes pedir socorro  
e sem lhes perguntar porque maltratam.  
Eu sei porque é que morro.  
Eles é que não sabem porque matam.  
Eles são pedras roladas no caos,  
são ecos longínquos num bózio de sons.  
Os homens nascem maus.  
Nós é que temos de fazê-los bons.  
Procuro um rosto neste pequeno mundo do autocarro,  
um rosto onde possa descansar os olhos olhando,  
um rosto como um gesto suspenso  
que me estivesse esperando.  
Mas o rosto não existe. Existem caras,  
caras triunfantes de vícios,  
soberbamente ignaras  
com desvergonhas dissimuladas nos interstícios.  
O rosto não existe.  
Procura-o.  
Não existe.  
Procura-o.  
Procura-o como a garganta do emparedado  
procura o ar;  
como os dedos do afogado  
buscam a tábua para se agarrar.  
Não existe.

Vãas aquele par sentado alãom ao fundo?  
Vãs?  
Alheio a tudo quanto vai pelo mundo,  
simboliza o amor.  
Podia o céu ruir e a terra abrir-se,  
uma chuva de lodo e sangue arrasar tudo  
que eles continuariam a sorrir-se.  
Não crãas no amor?  
Não ouves?  
Não crãas no amor?  
Cala-te, estupor.  
Tenho vergonha de existir.  
Vergonha de aqui estar simplesmente pensando,  
colaborando  
sem resistir.  
Disso, e do resto.  
Vergonha de sorrir para quem detesto,  
de responder pois é  
quando não é.  
Vergonha de me ofenderem,  
vergonha de me explorarem,  
vergonha de me enganarem,  
de me comprarem,  
de me venderem.  
Homens que nunca vi anseiam por resolver o meu problema concreto.  
Oferecem-me automãveis, frigorãficos, aparelhos de televisãlo.  
ã sã estender a mão  
e aceitar o prospecto.  
A vida é bela. Eu é que devia ser banido,  
expulso da sociedade para que a não prejudique.  
Hã?  
Ah! Desculpe. Estava distraã-do.  
Um de quinze tostãmes. Campo de Ourique."

Antãnio Gedeãlo, in Mãquina de fogo